**Reflexão em torno da Educação em Moçambique**

Wiltony Domingos Antamigo

 wilton.antamigo@yahoo.fr

Universidade Pedagógica – Delegação de Quelimane

**1. Introdução**

A educação é um processo de transmissão e aquisição de conhecimentos, princípios e valores morais de uma geração para a outra. Todavia, nos tempos actuais, diversos são os desafios por que passa. Senão vejamos. Os pais e encarregados de educação deixaram de desempenhar, efectivamente, o seu papel; os professores, entre outras dificuldades, não se dedicam e não trabalham condignamente; os alunos, por sua vez, não se dedicam aos estudos e à sua formação e por fim, os que definem as políticas educativas, fazem-no sem consultar as bases, elaboram e introduzem currículos que não se adequam à nossa realidade, criando, assim, um total desfasamento entre o ideal e o real.

De todos estes factos, o perigo reside, essencialmente, na separação dos actores responsáveis para a construção e produção de um processo educativo sólido e saudável. Diante deste cenário, a questão que se levanta é a seguinte: que estratégias serão levadas a cabo para a melhoria da qualidade de educação em Moçambique?

Para responder a esta questão, definiu-se como objectivo geral, o seguinte: reflectir em torno da actual situação da educação no país; e o seguinte objectivo específico: identificar as estratégias usadas pela sociedade na melhoria da qualidade de educação no país.

**2. Apresentação do cenário educativo actual**

Vejamos como exemplo a resposta que o representante dos índios deu ao representante da Virgínia, no âmbito do tratado de Lencaster, na Pensilvânia (Estados Unidos), no ano de 1744, entre o governo de Virgínia e as seis nações indígenas ao afirmar que: “ aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficaram ofendidos ao saber que a vossa ideia de educação não é a mesma que a nossa.” (Piletti, 2004, p.11)

Podemos claramente perceber que a pertinência, os valores e prioridade da educação variam de país para país, de sociedade para sociedade.

Uma população educada é fundamental para o desenvolvimento nacional. (…) A educação é considerada um factor-chave na promoção do bem-estar social e na redução da pobreza, pois pode afectar positivamente a produtividade nacional e, por via disso, determinar padrões de vida e a habilidade das nações competirem na economia global. Prevalece, hoje, a nível internacional, a crença no papel da educação como um dos pilares de desenvolvimento de um país e a noção de que a pobreza global não pode ser reduzida a menos que todas as pessoas em todos os países tenham acesso a, e possam beneficiar de uma educação básica de qualidade. (Mouzinho & Débora 2005, p.2)

Face a esta abordagem, diríamos que o nível e as condições da educação em Moçambique estão longe de atingir o bem-estar e, muito menos, de reduzir a pobreza, visto que a qualidade de educação é deveras fraca, contribuindo para a pobreza mental dos indivíduos. Para que se alcance o desejado nível de promoção e contribuição, tendo em vista a redução da pobreza, deve-se investir a sério na educação, para que os alunos saiam da escola com habilidades e competências que possam responder aos desafios a que o país está sujeito. Visto que, essas dificuldades empobrecem mais a qualidade de mão-de-obra, fazendo com que se recorra à mão-de-obra estrangeira. Não obstante, implica dizer que, para que se formem homens que possam ajudar o país a crescer e competir com outras nações, é necessário melhorar o cenário educativo nacional. É imperativo encontrar estratégias que visam inverter a caótica situação em que se encontra a educação em Moçambique, tendo em conta o seguinte desiderato: “Não somente a Educação (conhecimento) adquirida na Escola, mas aquela que deve também vir de casa, ou seja, com a imprescindível participação da família. Simples atitudes que demonstram respeito foram esquecidas.” (Laida, 1999)

A reflexão deve ter em conta o rumo que desejamos para o nosso país bem como a educação que projetamos para esta geração. A mesma deve ser acompanhada de um trabalho de base realizado na sociedade e em casa. Porque, actualmente, assiste-se a uma grande vulnerabilidade na educação e na formação dos cidadãos, que é caracterizada pela falta de princípios, ética, moral, entre outros aspectos a ela ligados, que acabam criando comportamentos desviantes.

Segundo Bertrand (2011, p.8), « as teorias sociais assentam no princípio de que a educação deve permitir resolução de problemas sociais e culturais ».

Mas, infelizmente, estas teorias não respondem a realidade moçambicana, uma vez que a educação vem, por vezes, criando conflitos de gerações, em que cada uma tem visto a sua como a melhor, principalmente a geração passada, o que cria divergências geracionais. Esta atitude tem ajudado muito na resolução deste problema que é o rumo da educação.

Sendo a educação um sistema dinâmico, é pertinente que haja uma forte união e interacção constante entre os elementos que a constituem. É a partir da educação que se faz a manutenção e a transposição de valores, modos culturais de ser, estar e agir necessários à convivência e ao ajustamento de um membro no seu grupo ou sociedade.

“É extremo no seu ritmo frenético, no seu imenso alcance da sua influência e no vasto impulso do seu poder legislativo. Mais do que isto, no entanto, é extremo no desrespeito e no desprezo que os reformadores mostram para com os próprios professores. Na pressa política de engendrar reformas, as vozes dos docentes têm sido largamente negligenciadas, as suas opiniões anuladas e as suas preocupações postas de lado.” (Hargreaves, 1998, p. 6)

A ser assim, dificilmente melhorar-se-á o sistema educativo devido à falta de interacção, visto que há quem sempre queira pensar e decidir pelos outros.

Há que se atribuir valor a todos, porque, juntos far-se-á a diferença e todos sentir-se-ão envolvidos no processo educativo. Pois que a situação educacional é tão grave que carece de levar a sério um debate e não criar hipóteses e soluções utópicas. Há que se identificar e concentrar-se no foco do problema, visando remediá-lo, ao invés de se responsabilizar uns e outros, porque todos têm a sua cota-parte. O elo mais fraco seria o professor, que quase sempre não participa na decisão dos currículos introduzidos, mas não nos esqueçamos que a educação começa no seio familiar e não na escola. O trabalho de base deve começar em casa, na comunidade, onde o aluno está inserido. O fracasso começa em casa devido aos comportamentos desviantes da sociedade que faz com que o professor não consiga gerir e muito menos solucionar o problema de maneira isolada ou individualmente. Daí que todos os actores sociais devem colaborar. As novas políticas educativas retiraram o poder e a autonomia ao professor. Os debates são feitos em público sem que antes tentem perceber a sensibilidade do professor com relação ao decurso das aulas e da situação actual da educação.

A educação está em todos lugares e no ensino de todos os saberes. Assim não existe modelo de educação, a escola não é o único lugar onde ela ocorre e nem muito menos o professor é o único agente. Existem inúmeras educações e cada uma atende a sociedade em que ocorre, pois é a forma de reprodução dos saberes que compõe uma cultura, portanto, a educação de uma sociedade tem identidade própria.

O ponto fraco da educação está nos seus agentes, pois, com consciência ou não, reproduzem ideologias que atendem a grupos isolados da sociedade. (Carlos, 1995)

Todos temos que lutar para ter uma educação efectiva, saudável, produtiva, consistente e que abrange os interesses de toda sociedade e não interesses particularizados. As pesquisas são feitas e divulgadas na imprensa antes que o professor saiba do que se fez, como se fez e qual era o objectivo. Facto curioso é que os que fazem as pesquisas avançam soluções que são concebidas por eles como “varinha mágica”, o que não constitui verdade. Há que interagir com o professor, os alunos, pais e encarregados, auscultando opiniões dos intervenientes que fazem a educação, de maneiras que as propostas tenham coerência, validade e pertinência. Numa época em que o aluno é o centro do PEA[[1]](#footnote-1), é pertinente que o escutemos de maneira a colher a sua sensibilidade no que concerne ao sistema educativo. “Assim, a educação passa a ser um assunto que diz respeito a todos os cidadãos que passam a ser actores e não mais simples consumidores passivos de uma educação dada pelas instituições.” (Jacques at all, 1998, p.116)

O professor não tem espaço para dar aquilo que é o seu sentimento. Não é possível fazer-se um estudo numa casa e analisar-se o mesmo na casa do vizinho, sem que os visados sejam atempadamente solicitados para reagir e dar seu parecer em torno do mesmo. Se quisermos mudar o cenário da educação, é importante deixar de ser utópicos e olhar para a realidade, visando solucionar o problema.

Pois, “actualmente, inclusive, um número crescente de críticas tem sido dirigido à instituição escolar mas a educação não se deve confundir com escolarização, pois que a escola não é o único lugar onde a educação acontece.” (Piletti, p.16)

É urgente que se faça uma reflexão conjunta entre os diversos actores da sociedade, quer pais, elaboradores dos currículos, professores, etc. Cada um deve estar consciente da sua colaboração e que haja encontros regulares de maneiras a afinar sempre a máquina. Esta prática visa criar uma união entre os intervenientes da educação. Só assim, facilmente, poder-se-á identificar o problema e remediá-lo sem que ele outros elementos.

A sociedade moçambicana, assim como o MINED, está repleta de académicos e intelectuais, não justifica que não se consiga chegar a nenhum consenso em torno do aproveitamento escolar. Urge-se na necessidade de se arregaçar as mangas e trabalhar, visando fazer uma reviravolta. Ao invés de procurar culpados, deve-se descobrir o ponto que constitu a fragilidade do processo e procurar resolver sem ferir sensibilidades, porque todas essas mudanças visam, na verdade, melhorar o ensino em Moçambique. Muitas vezes, as mudanças devem ser radicais para o bom funcionamento do sistema.

Para Piletti (2004, p. 13)“A ideia de educação de cada povo depende, portanto, da sua realidade concreta e de seus valores.” Segundo esta abordagem, é pertinente que toda sociedade se engaje na busca de solução para nossa educação, porque a nossa sociedade está perdendo muitos valores e identidade. Urge, mais uma vez na necessidade de se criar políticas educativas e currículos que espelhem a nossa realidade e que se possa resgatar os nossos valores. Não é somente o professor quem deve pôr a mão na consciência, assim como não são os elaboradores das políticas educativas mas sim a sociedade inteira, porque, segundo Piletti:

Convém lembrar (…), que além dos lugares onde a educação se processa de forma sistemática-as escolas-, existem lugares onde ela se processa de forma assistemática. Entre esses lugares podemos citar: a família, a igreja, os sindicatos, as empresas, os meios de comunicação de massa, etc. (…) A família, no entanto, encontra uma série de problemas, na sua missão de educar.( p.17)

Toda a comunidade é convidada a esta causa, procurando mudar o actual cenário da educação moçambicana na perspectiva de salvaguardar o futuro do país e da geração vindoura. Assim sendo, cada um é chamado a colaborar e reflectir em torno da sua comparticipação, unindo-se por uma educação de qualidade e formação de alunos brilhantes. É momento de sentar com o professor e perceber dele o que está a acontecer com o sistema de educação, assim como saber o que está falhar para que se possa remediar. O mesmo deve acontecer com o professor, ele também deve reflectir em torno daquilo que tem sido a sua prestação e desempenho profissional. Os pais, os fazedores das políticas educativas, o governo e a sociedade em geral são convidados a reflectir em torno da educação em Moçambique, pensando no tipo de educação que se deseja para esta geração que gradualmente se vai perdendo e que futuro desenhamos para o nosso país. É momento de deixar as diferenças do lado e concentrar-se neste dilema que tende a piorar, visando solucionar e melhorá-lo.

“O aumento da oferta de uma educação de qualidade para todos é uma das estratégias principais do Governo para o desenvolvimento do País e para a redução da pobreza.” (MINED, p.3)

Infelizmente, essas estratégias não se não são acompanhadas de acções, tornando-as meramente teóricas. O que se precisa é de mais acções que teorias. Vários debates são realizados em torno da educação e não se nota nenhum avanço e muito menos melhorias na educação dos cidadãos no geral.

As actuais condições de educação ao invés de reduzir tende a aumentar porque os técnicos formados saem vazios e sem qualquer experiencia devido ao sistema de ensino.

Assim, a escola deve ser o ambiente em que os pais e professores promovam conjuntamente a educação. Aliás, toda a comunidade deve participar, criando condições e buscando recursos, para que os pais e educadores possam desempenhar sua missão. Só assim, a escola deixar de ser um meio de perpetuar os vícios da sociedade para tornar-se “ um lugar, um ambiente, em que as crianças ou jovens se reúnem entre si e com educadores profissionais, para tomarem consciência mais profunda de suas aspirações e valores mais íntimos e mais legítimos, e tomarem decisões mais esclarecidas sobre sua vida, a partir de aprendizagens significativas” (Schmitz, citado por Piletti, 17).

**3. Considerações finais**

O cenário acima referenciado permite concluir que o homem aprende o tempo todo e não é necessário, somente, que vá a escola, pois, quer em casa, quer na convivência com amigos, colegas, irmãos, etc., ele vive aprendendo. Todavia, há que se enaltecer, difundir e credibilizar os nossos valores. Os encarregados de educação devem desempenhar o seu papel de pai e vice-versa. Os desenhadores de políticas educativas devem olhar para a realidade do país, antes de implementar qualquer política educativa. Esta atenção visa exigir e consciencializar aos desenhadores dessas políticas a buscar e implementar currículos que se adequem a nossa realidade e que ajudem o professor a executá-los com zelo, visando oferecer ao aluno a desejada qualidade de ensino. Este laço poderá unir os principais intervenientes e melhorará a união entre eles, partilhando experiências adquiridas no terreno. E, das experiências, pode-se melhorar um e outro aspecto. Mas para que isso aconteça, é necessário que haja uma colaboração de todos. Só haverá melhorias se existir uma coesão entre todos os actores deste processo.

**Referências Bibliográficas**

BERTRAND, Y. (2011). *Teorias Contemporâneas de Educação*, Lisboa, Instituto Piaget

BRANDAO, Carlos R(1995). *O que é educação*,33ª Ed. Brasiliense, São Paulo

DELORS, Jacques at al (1998). *Educação, um tesouro a descobrir- Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para século XXI*, UNESCO, Brasil

HARGREAVES, Andy (1998), *Os professores em tempos de mudança*, Portugal, McGrawHill

MAUÉS, Olgaíses C., *Reformas Internacionais da educação e formação de Professores*, Cadernos de Pesquisa, n. 118, março/ 2003

MÁRIO, Mouzinho e NANDJA, Débora (2005). *A alfabetização em Moçambique: desafios da educação para todos*, Maputo, UEM

Ministério da Educação (2012). *Plano Estratégico da Educação2012-2016: vamos aprender, construindo competências para o desenvolvimento de Moçambique*

PILETTI, Claudino, *Didáctica Geral*, 23ª Ed. Editora Áctica, São Paulo, 2004

RAASCH, Leida (26/08/1999). *A motivação do aluno para aprendizagem,* Nova Venécia, UNIVEN

1. Processo de Ensino Aprendizagem [↑](#footnote-ref-1)